



## **AGORA SERVE O CORAÇÃO: VERDADES-MENTIRAS CONTADAS POR UM BRASILEIRO QUALQUER**

LOPES, Nei. *Agora serve o coração*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.

**Jessica Lins Souza**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

E-mail: jessicalins.souza@gmail.com

“Assim, em Marangatu, aliás, como em todas as regiões, cidades, vilas, vilarejos e povoados deste país-continente, quem tinha botava banca; quem não tinha, o jeito era se virar, como dizia o velho malandro Fraga. E quem definia o dia a dia era Dona Precariedade, sempre acompanhada de um cortejo de comadres: Dona Ausência, Dona Carência, Dona Escassez; Dona Exclusão, Dona Falta, Dona Frustração e Dona Fantasia. Eram elas que teciam as mal traçadas linhas do destino de Marangatu.”

Nei Lopes, em *Agora serve o coração*, 2019.

Brasil, 2019. Criminalidade, politicagem e intolerância religiosa são manchetes de notícias, sejam elas verdadeiras ou falsas, diariamente. Para tentar desvendar como chegamos neste ponto, Nei Lopes conta a história de Marangatu, região fictícia na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro. Marangatu era a *capital do boato*<sup>1</sup> e é assim, em um misto de relatos históricos e contos fantasiosos quase impossíveis de serem desmembrados, que o autor conta a história do lugar – que, à certa altura do livro percebemos, pode ser qualquer lugar do Brasil.

Nei Lopes é um brilhante estudioso negro – sambista, escritor, compositor. Nascido em Irajá, no subúrbio carioca, Nei formou-se em Direito e Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coleciona publicações sobre a temática africana e afro-brasileira. A estrutura do livro *Agora serve o coração* lembra o último romance do autor, *O preto que falava iídiche* (Lopes, 2018), que também une ficção e realidade em um enredo permeado pela questão fundamental do racismo. Agora, em vez do habilidoso Exu-Nozinho, a personagem principal do livro é a líder do quilombo da favela Soraia dos Santos Sacramento: a Iaiá de Marangatu. Às questões raciais, unem-se questões de classe, políticas e religiosas.

A trama inicia e encerra em um emblemático evento em Marangatu: a Festa dos Corações Ardentes. A festa, patrocinada pelo irmão-candidato-a-deputado de Iaiá, acontece em um 20 de novembro e comemora o aniversário da anfitriã. No farto churrasco, “viscerais,

dilaceradas, sanguinolentas, tão infernais quanto apetitosas” (Lopes, 2019, p.13) carnes são acompanhadas de samba, pagode e centenas de caixas de cerveja. Ao chegar no banquete elegantemente acompanhada do irmão, Soraia anuncia o mais esperado momento e que dá nome ao livro: “Agora serve o coração!” (Lopes, 2019, p.14). Enquanto, ao longo da trama, diversos personagens aparecem mortos e com seus corações arrancados, o mistério acerca dos corações servidos só é solucionado no fim do livro: foram mesmo é encomendados do matadouro de Santa Cruz.

Todo o livro é narrado por um homem negro que compra uma pequena e antiga propriedade rural em Mangaratu, com espaço e natureza adequados para instalar os assentamentos e árvores sagradas de sua mulher – que mais tarde viria a se tornar evangélica e despejar, *sem o mínimo respeito*, todos os seus objetos em um terreno baldio. Sem muito o que fazer nos finais de semana que lá passa, o narrador resolve estudar a história do local através dos livros e dos relatos dos moradores. Com exceção do artifício de iniciar e finalizar o livro contando o mesmo episódio – o que garante algum suspense durante a leitura, a obra é dividida em 23 capítulos que seguem uma certa ordem cronológica e apresentam causos contados por diferentes personagens da história de Marangatu, relatando como o local foi se modificando ao longo do tempo.

A história de Marangatu começa com seus primeiros habitantes indígenas, passa pela invasão dos brancos europeus e chegada de africanos escravizados, pela criação de quilombos, pela favelização, pela criação de terreiros de candomblé e umbanda e, conseqüentemente, de escolas de samba, toca na criação da primeira universidade e suas contradições, até chegar à era do pentecostalismo e das milícias. Figuram personagens fictícios, como Seu Aleixo Carpinteiro – contador de histórias galhofeiro e fantasista que não acreditava nas *bobagens dos livros*, e Filipe – contraditório angolano dono do bar *Flor do Benguela*; e personagens quase fantásticos que habitam o imaginário carioca, como Vovó Maria Conga – cujo telefone para consulta está presente em boa parte dos muros do subúrbio da cidade.

A mescla de contos, lugares e personagens reais e fictícios dá a estranha sensação de que já conhecemos aquelas histórias e, assim, faz irromper a vontade de querer reconhecer e nomear os acontecimentos – muito embora logo no começo do livro já sejamos advertidos, de forma genial, que se trata de uma obra de ficção, que eventuais semelhanças são simples

coincidências e que os conceitos emitidos são de responsabilidade dos personagens e não do autor.

Marangatu é formada por um grande conjunto de favelas, entre elas a *Fazendinha* ou *Cheirosa* – que recebera esse nome por ter sido parte do *maior polo produtor de laranjas* do país, e a *Palmeira* – nascida ao redor de uma gigantesca palmeira imperial. A árvore, cultuada como divindade, tinha sido trazida para Marangatu pelo povo de jeje “e, como sempre, com o candomblé veio vindo o samba” (Lopes, 2019, p.77). Assim, ao redor do mesmo tronco centenário nascia também a escola de samba União da Palmeira. Não levou muito tempo para que a agremiação seguisse a estratégia mercadológica das grandes escolas do Rio de Janeiro e mudasse sua sede para a capital, dando as costas para Marangatu e cantando sambas *embarcados na canoa da história oficial*. Seu Doçu, o segundo do jeje, teria alertado que muita coisa ruim viria a acontecer a Marangatu se a palmeira fosse derrubada. De fato, segundo observa o narrador, “depois que cortaram a palmeira para levantar uma ‘casa de oração’, parece que foi daí em diante que tudo virou de cabeça pra baixo” (Lopes, 2019, p.47).

Soraia é neta de Vovó Afra, que aprendera com sua mãe que os jesuítas foram bons senhores e o que determinava sua condição de escravizada era o fato de serem naturalmente inferiores, baseando seus argumentos na maldição de Cam – “lenda nascida de uma das muitas interpretações erradas da bíblia” (Lopes, 2019, p.43). Vovó Afra, *grande ancestral das favelas de Marangatu*, vez em quando dava consultas através da neta Iaiá. Numa noite de chuva, testemunhou ao narrador como tudo tinha mudado (para pior) no lugar e sabia a razão: colocava a culpa pela miséria e pela criminalidade em Marangatu nos políticos interesseiros e no racismo sofrido pelas meninas da favela. Para Vovó, o fato de as meninas de Marangatu não se sentirem representadas na televisão, *porque não são louras*, afasta das jovens a esperança de ocupar um lugar de destaque; e como muitas, de forma legítima, não querem *trabalhar em casa de família*, o destino dessas meninas acabava sendo a maternidade precoce. Vovó também culpa o crescente número de adeptos das igrejas evangélicas não-tradicionais, acompanhado pelo alto-falante que berrava “aleluia” o tempo inteiro pelas ruas de Marangatu. Afinal, segundo ela, “Aleluia toda hora nunca foi prova de fé, não é mesmo? E uma mentira só estraga mil verdades” (Lopes, 2019, p.176).

Criada longe dali, Iaiá tinha recebido uma educação eugênica e tivera aulas com uma professora de sobrenome alemão, nas quais copiava, sem entender quase nada, “conceitos como

os de seleção das pessoas mais aptas e bem-dotadas em cada grupo, ações para tornar o Brasil um país de gente mais saudável, mais forte e mais bonita” (Lopes, 2019, p.54). Essa educação repercute em um dos diálogos mais interessantes do livro, no qual Soraia desabafa a Aimé Théodore (quase impossível de não relacionar com a figura de Aimé Césaire) que demorou para entender que era uma mulher negra:

— Eu mesma, durante muito tempo, tive vergonha da minha aparência física, do meu corpo. Na escola, eu achava que todas as meninas eram melhores do que eu. E o pior é que eu não me considerava negra. Negra tinha beijo, e meus lábios eram finos; tinha pele preta, e a minha era morena... Mas o caso é que eu era pobre. (Lopes, 2019, p.141).

Soraia, parda e pobre, creditava a forma como se sentia em relação a seus colegas de escola a questões de classe, sem perceber que o que sofria era causado pelo racismo. Aimé respondia dizendo das lutas do Movimento Negro do ponto de vista da compreensão do racismo e suas extensões psicanalíticas e concluía manifestando sua posição favorável às políticas de ações afirmativas para pretos e pardos.

Aimé era professor na Universidade Campestre que, salvo alguns poucos que lá ingressavam devido às ações afirmativas, era verdadeiramente odiada pelo povo de Marangatu – que, quando muito, só entrava lá como servente. *Encafifada dentro de si mesma* e habitada em sua maioria por estudantes e professores que vinham de longe, a Universidade, embora tivesse excelência acadêmica internacionalmente reconhecida, se isolava da comunidade por três principais motivos: i) *engomadinha e de nariz empinado*, a própria instituição se recusava a conversar com a vizinhança; ii) os habitantes de Marangatu tinham verdadeiro horror a livros, devido a um boato espalhado por lideranças mal-intencionadas de que houvera ali um grande estrondo, semelhante ao do vulcão adormecido do local, causado por livros que pegavam fogo; e iii) alguns religiosos usavam a Bíblia para jogar a população contra a Campestre, alegando que *a única verdade está na palavra do Senhor*.

A temática da educação aparece em diversos pontos do livro, demarcada sempre como instrumento de poder. Johnson, um guerrilheiro cubano que se envolveu com Soraia, defendia um discurso ouvido em seu país, que dizia que “a discriminação e o preconceito raciais, herdados da república neocolonial, só poderiam ser eliminados através da educação” (Lopes, 2019, p.96). Comunista e aliando sua consciência política a um olhar sobre a questão racial,

Johnson afirmava que a sociedade brasileira experimentava “*el modelo más vicioso de racismo, disfrazado en democracia, de samba y fútbol, incluso en las dictaduras más sanguinárias*” (Lopes, 2019, p.96). Segundo ele, Aimé, o narrador e outros personagens concluíram (e não o autor, nem eu), *a histeria pentecostal tem o dedinho do Tio Sam*. Para eles, os protestantes do sul dos Estados Unidos querem dominar a teologia cristã da América Latina, expandindo suas ideias dentro da agenda do neoliberalismo – fazendo com que o Brasil volte a ser um país “sem leis trabalhistas, sem extrair petróleo, sem indústria siderúrgica, totalmente dependente do capital estrangeiro, como nos velhos tempos” (Lopes, 2019, p.182).

Se há alguma verdade nessa e em todas as outras histórias de Marangatu e de *qualquer outra cidade, vila, vilarejo e povoado deste país-continente*, não é possível precisar. Tirando alguns operários sindicalizados e os intelectuais – que os habitantes odiavam, “sem de longe aventar a possibilidade de qualquer um dos seus, um dia, vir a ser um deles” (Lopes, 2019, p.87), a população era vítima dos *mitos* e das notícias sem fundamento que eles mesmos espalhavam. Assombrado diariamente pela *Dona Precariedade*, o povo estava mais preocupado é que um suposto vulcão entrasse em erupção e seu fim, afinal, chegasse. Ou que os quilombolas e indígenas marangatuera viesses tomar de volta o que lhes pertencia. Como faziam, todo ano, no Carnaval.

De verdadeiro mesmo ficam as razões para indicar a leitura de *Agora serve o coração* – que vão além da já conhecida genialidade de Nei Lopes e sua incrível capacidade de nos informar enquanto nos faz rir de nossa própria tragédia. O livro nos ajuda a compreender que o cenário político atual não foi configurado de uma hora para outra, ao mesmo tempo em que aprendemos com a sabedoria ancestral de Vovó Afra que “ninguém nunca soube direito como isso aqui começou” (Lopes, 2019, p.173). Para além de um romance, a história de Marangatu nos convida a visitar nossa própria história, contada entre verdades e mentiras, gritos e silenciamentos. Conhecer a história de Marangatu é conhecer a história do Brasil.

### Nota explicativa

<sup>1</sup> Algumas expressões, como esta, são usadas pelo autor em diversas partes do livro. Tais expressões, de forma literal ou adaptada, são inseridas na escrita deste texto sem referência direta a elas, no entanto aparecem sempre destacadas, em itálico.